

O VERBO NOS REPERTÓRIOS TERMINOLÓGICOS: EVIDÊNCIAS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO¹

Bruna Elisa da Costa MOREIRA²
Universidade de Brasília

RESUMO

Este artigo tem como objetivo geral investigar as particularidades que distinguem ‘termo’ e ‘palavra’ à luz de autores clássicos que se ocuparam de delimitar os planos da língua comum e das linguagens de especialidade (BRÉAL, 1897; ULLMANN, 1962; WÜSTER, 1974; COSERIU, 1977; POTTIER, 1977). Além disso, o artigo tem como objetivos específicos abordar a categoria do verbo no âmbito da Terminologia, com o aporte teórico de autores como Cabré (1992, 1998/1999), Faulstich (1998) e Barbosa (2007). A partir da observação de que as discussões permanecem centradas na categoria nominal, o artigo traz dados empíricos do português brasileiro (COSTA, 2008) que atestam a presença de verbos em repertórios terminológicos.

Palavras-chave: Terminologia. Palavra. Termo. Verbo.

Introdução

Uma discussão importante no âmbito da Terminologia, concebida como a disciplina de estudo dos termos, diz respeito à natureza das terminologias e ao seu estatuto no interior do sistema da língua³. Essa discussão traz consigo a questão das particularidades que distinguem ‘termo’ de ‘palavra’. Este artigo tem como objetivo geral investigar essas questões à luz de autores clássicos que se ocuparam de delimitar os planos da língua comum e das linguagens de especialidade, como BRÉAL (1992[1897]), ULLMANN (1964), WÜSTER (1996[1974]), COSERIU (1977), POTTIER (1977), entre outros. Além disso, este artigo tem como objetivos específicos abordar a categoria do verbo no âmbito da Terminologia, visto que, de maneira geral, as discussões na literatura permanecem centradas na categoria nominal.

O trabalho está organizado da seguinte maneira: além desta introdução, a seção 1 apresenta uma breve discussão sobre o estatuto de palavras e termos, bem como sobre os seus processos de criação, a partir dos trabalhos de Bréal (1992[1897]), Ullmann (1962),

¹ Agradecimentos: às professoras Enilde Faulstich e Michelle Vilarinho, aos membros do Centro Lexterm (UnB), ao CNPq e aos editores da Revista Verbum.

² Endereço eletrônico: brunamoreira@aluno.unb.br

³ Ao longo deste artigo, baseado em Costa (2008), Terminologia, grafada com letra maiúscula, diz respeito à disciplina de estudo dos termos, e terminologia, grafada com letra minúscula, ao conjunto de termos de uma área de especialidade.

Coseriu (1977) e Pottier (1977). A seção 2 introduz considerações sobre a Terminologia moderna e sobre o ideal de monosemia do termo, proposto por Wüster em 1974. A seção 3 aborda a questão da presença de verbos em repertórios terminológicos e apresenta uma amostra de 51 verbos terminológicos do português brasileiro (PB) (COSTA, 2008). Finalmente, a conclusão deste artigo traz as considerações finais e retoma os aspectos mais relevantes discutidos neste trabalho.

Sobre palavras e termos

Na conhecida passagem de Bréal, “Como os nomes são dados às coisas”, datada de 1897, o autor questiona se “as palavras criadas pelos letrados e eruditos têm maior exatidão” e apresenta a seguinte reflexão:

[n]um sentimento de patriotismo, um químico francês, tendo descoberto um novo metal, o denominou *gallium*; um sábio alemão, não menos patriota, retruca pelo *germanium*. Designações nos dizem tão pouco sobre o fundo das coisas quanto os nomes de Mercúrio ou de Júpiter dado a planetas, ou os de *ampère* ou *volt* recentemente dados a quantidades em eletricidade. (BRÉAL, 1992, p. 125)

Assim, inicialmente, é interessante delimitar dois planos, o da língua comum e o das linguagens de especialidade. Dados esses dois planos, uma questão a ser investigada diz respeito à natureza dos elementos que pertencem a cada um deles, bem como os seus processos particulares de criação. Ullmann (1964, p. 171-191) discute a motivação para a criação de palavras, que, segundo o autor, pode ser fonética, morfológica e semântica. Observa-se que, no âmbito das terminologias, processos de motivação semântica são bastante comuns, como a metáfora.

Quanto à metáfora como criadora de novos sentidos, Ullmann (1964, p. 440) observa que esta estaria intimamente ligada à linguagem humana e se apresentaria sob diversos aspectos, “factor primordial da motivação, como um artifício expressivo, como uma fonte de sinonímia e de polissemia, como uma fuga para as emoções intensas, como um meio de preencher lacunas no vocabulário e em diversos outros papéis”. A estrutura básica da metáfora apresentada por ele, na qual “há sempre dois termos presentes: a coisa de que falamos e aquilo com a que estamos a comparar”, é facilmente identificável no processo de criação de termos, como ilustrado a seguir em (1), com dado extraído de Houaiss (2009).

(1) **enterrar**

1. pôr sob a terra, soterrar.

[...]

11. *Esportes. Regionalismo: Brasil.* No basquetebol, meter (a bola) pelo aro da cesta, de cima para baixo, em lugar de encestá-la por arremesso.

O exemplo anterior ilustra, de maneira simples, a ideia de que a metáfora é uma estratégia produtiva (i.e., uma motivação) para a criação de termos. O verbo ‘enterrar’, em sua primeira acepção, é usado na língua corrente como sinônimo de “pôr sob a terra”. Já em sua décima primeira acepção, ‘enterrar’ é um termo técnico esportivo, criado a partir da clara alusão à acepção primária do verbo.

Sager (1997) afirma que, na base da formação de termos, está o processo de nomear conceitos que um domínio de especialidade requer. Para o autor, essa “é uma atividade humana consciente, e difere da arbitrariedade de processos gerais de formação de palavras por sua maior consciência de padrões e modelos pré-existentes” (SAGER, 1997, p. 25). Três métodos são apresentados por Sager (1997, p. 28-30) para ilustrar a formação de termos: (i) “o uso de fontes existentes”; (ii) “a modificação de fontes existentes”; e (iii) “a criação de novas entidades linguísticas”. Quanto ao uso de fontes existentes, Sager (1997, p. 28) destaca a extensão semântica:

É comum a extensão do significado de um termo existente para incluir um novo conceito (...). Onde a extensão de sentido não é óbvia, nomear se baseia em uma analogia a designações existentes. O modo mais fácil de dar essas novas designações é usar a semelhança, ou seja, nomear um conceito em analogia a outro, familiar. (SAGER, 1997, p. 28)

Um exemplo adicional desse tipo de formação de termo é ilustrado a seguir em (2),⁴ com dado extraído do Novo Dicionário Aurélio (2004):

(2) **beber**

1. Engolir (líquido); ingerir.

[...]

10. *Bras. Autom.* Consumir gasolina, ou outro combustível: *O seu automóvel bebe muito*”.

Em (2), o verbo ‘beber’ tem sua acepção primária (i.e., ingerir líquido) estendida para o âmbito particular do automobilismo (i.e., consumir combustível). Nesse caso, bem como no exemplo (1), o verbo em questão se especializou em determinada área.

⁴ Neste exemplo, as abreviações *Bras.* e *Autom.* dizem respeito a ‘brasileirismo’ e ‘automobilismo’, respectivamente.

Coseriu (1977, p. 96) argumenta que: “as terminologias científicas e técnicas não pertencem à linguagem nem às estruturas léxicas do mesmo modo que as <<palavras usuais>>”, e ainda, que “constituem utilizações da linguagem para classificações diferentes (e, em princípio, autônomas) da realidade ou de certos aspectos da realidade”. De acordo com o autor, essas considerações valem também para as “terminologias e nomenclaturas populares, que podem ser diferentes das classificações científicas; entretanto, são uma forma da ciência: não são <<estruturas da língua>>” (COSERIU, 1977, p. 99).

Uma distinção fundamental é estabelecida por Coseriu (1977) entre ‘designação’ e ‘significação’. Para ele, as terminologias seriam operações de designação, que denotariam a relação entre os signos linguísticos e os objetos da realidade e, por isso, estariam inscritas no universo extralinguístico. Já as relações de significação, estabelecidas entre os significados dos signos, estariam, por natureza, inscritas no universo linguístico. A ideia de Coseriu (1977) sobre as terminologias só pode ser compreendida na perspectiva em que o autor as inscreve no universo da designação e do discurso. Diferentemente das “unidades usuais”, que estariam no universo da significação e da língua propriamente dita. Por essa razão, suas ideias só podem ser discutidas e contestadas no interior desse paradigma.

Um dos aspectos discutidos pelo autor, que distinguiria designação e significação, é o caráter potencialmente metafórico da designação. Assim, retomamos essa questão. Enquanto “a significação não é (metafórica) do ponto de vista sincrônico e distintivo (pode ser metafórica do ponto de vista etimológico e, por conseguinte, no sentido <<associativo>>, se a etimologia, verdadeira ou falsa, está presente na consciência dos falantes)” (COSERIU, 1977, p. 131). Novamente, essas observações aplicam-se a (1) e (2), que seriam exemplos do caráter metafórico da designação.

Entretanto, é difícil afirmar categoricamente que a natureza da metáfora pode ser distinta para os processos de designação e de significação. Coseriu (1977, p. 189) reconhece a dificuldade de distinguir entre os conhecimentos de mundo, que atuam no processo de designação, e os conhecimentos linguísticos, que operam no processo de significação: “devido à universalidade do conhecimento das coisas e sua participação constante nas acepções <<usuais>> das unidades linguísticas, resulta frequentemente que é muito difícil delimitá-lo com exatidão e separá-lo dos conteúdos propriamente linguísticos”.

Por sua vez, Pottier (1977, p. 26) destaca que o signo, “seja lá qual for a sua dimensão”, tem sempre os mesmos constituintes, como representado a seguir na Figura 1:

$Signo = significado + significante$

Figura 1. Constituintes do signo (POTTIER, 1977)

A relação estabelecida entre esses constituintes, segundo o autor, é de “dupla implicação”, como ilustrado na Figura 2 seguinte:

Significado \leftrightarrow Significante

Figura 2. Relação de “dupla implicação” (POTTIER, 1977)

O significado, para ele, seria formado por uma “substância específica”, constituída de traços semânticos, e de uma “forma genérica”, caracterizada por traços classificatórios, que seriam as bases das categorias lexicais. Essas noções estão exemplificadas no seguinte esquema de representação:

Signo =	substância	forma
	do	do
	significado	significado
	significante	

Figura 3: Representação do signo linguístico de Pottier (1977)

A substância do significado de um signo (POTTIER, 1977, p. 29-30) é constituída por um conjunto de traços distintivos que, no “nível do signo mínimo”, é chamado de semema. Cada um de seus traços é um sema. Os semas podem ser classificados como *denotativos*, se “determinam de uma maneira estável e com um vasto domínio social a significação de um signo”; ou *conotativos*, se “caracterizam de uma maneira instável e, muitas vezes, individual, a significação de um signo”. Os semas denotativos são, ainda, subdivididos em específicos, “quando permitem distinguir dois sememas vizinhos (e.g., /duas vezes/ em *bicampeão*, em face de *tricampeão*)”, ou genéricos, “quando indicam a dependência a uma categoria geral (e.g., /humano/ para *bicampeão*, *tricampeão*)”.

Nota-se que as operações de multiplicação dos sentidos não são distintas para as terminologias e para as unidades usuais da língua. A ‘acepção’, que, para Coseriu (1977), é criada por uma operação de designação no âmbito extralinguístico, de fato, depende da noção mais estável de ‘significado’ (i.e., da “substância do significado”). O mesmo conhecimento que Coseriu (1977) supõe ser acessado pelo falante no percurso da

significação e que pode ser “metafórico do ponto de vista etimológico e associativo”, é usado para processar o significado ou os significados em terminologia.

No âmbito dessa discussão, Pottier (1977, p. 27-28) delimita dois tipos de relações, introduzidas a seguir:

- (i) Denominação: a relação entre um signo e um referente real ou imaginário sempre através da conceitualização.
- (ii) Significação: se compararmos uma série de signos pertencentes a um mesmo domínio, constatamos que um significado tira seu valor de suas propriedades em relação ao conjunto considerado. Por exemplo, *casa* tira sua significação de suas propriedades semânticas relativas a um conjunto que pode ser {casa, vila, hotel, barraca}.

Este trabalho assume que as unidades pertencentes às terminologias pertencem às estruturas léxicas do mesmo modo que as “palavras usuais”. Nesse sentido, o artigo parte da hipótese de que a operação básica da Terminologia se baseia na relação de *denominação*, como definida por Pottier (1977)⁵. Essa relação seria a base de exemplos como (1) e (2), apresentados no início desta seção.

A Terminologia Moderna

Em 1974, Eugen Wüster, considerado o pai da Terminologia, desenvolveu a Teoria Geral da Terminologia, concebida como “uma zona fronteira entre a Linguística, a Lógica, a Ontologia, a Informática e as Ciências Especializadas” (WÜSTER, 1996, p. 153-159). A contribuição das ideias de Wüster para o desenvolvimento da Terminologia é inestimável, e o impacto do trabalho do autor é resgatado e discutido em literatura recente (ver CAMPO, 2012). Wüster (1996, p. 153-159) introduz três definições de Terminologia, a saber:

- (i) Sistema de conceitos e de denominações de uma especialidade, *grosso modo*, trata-se de um conjunto de termos acompanhados de seus significados.
- (ii) Estudo da terminologia de uma especialidade determinada em uma língua concreta; trata-se da lexicologia especializada de uma área.
- (iii) Teoria geral da terminologia. (WÜSTER, 1996, p. 153)

⁵ Independentemente da natureza das estratégias em questão (i.e., metafóricas, metonímicas etc.).

Para Wüster, toda pesquisa terminológica tem como ponto de partida os conceitos e pretende delimitá-los com precisão. A visão do autor sobre a Terminologia se baseia na noção rígida de que o termo é preciso e unívoco, ele caracteriza a Terminologia a partir de três aspectos: “prioridade e precisão dos conceitos, prioridade do léxico em relação à gramática, e prioridade do tratamento sincrônico da língua” (WÜSTER, 1974, p. 153). Em linhas gerais, a perspectiva de Wüster se baseava no ideal de monossemia do termo. Essa concepção já passou por revisões na literatura, e a visão de Wüster é discutida criticamente por diversos autores⁶.

De uma perspectiva menos rígida da Terminologia, Cabré (1998/1999, p. 11-14) destaca que “os termos não são unidades isoladas que formam seu próprio sistema, eles estão integrados no léxico dos usuários da língua”. Por isso, a autora assume que uma teoria dos termos não pode existir sem a base em uma teoria da linguagem. Para Cabré (1998/1999, p. 11), deve-se ter em conta:

[o] entendimento de que um conceito pode pertencer à estrutura conceitual de diferentes disciplinas, enquanto mantém ou muda suas características. Nesse sentido, critérios devem ser estabelecidos para determinar quando podemos falar de um mesmo conceito, ou devemos aceitar que estamos lidando com conceitos diferentes, e qual a razão dessa potencial circularidade conceitual. Assim, é necessário entender que os termos não pertencem naturalmente a nenhum domínio, mas que são usados em um domínio. Tal assunção não deve ignorar o fato de que um termo pode ter se originado em um domínio, ou o fenômeno da transferência de um domínio ao outro, ou da língua comum para as linguagens de especialidade. (CABRÉ, 1998/1999, p. 11)

Sem perder de vista a questão das diferenças entre termo e palavra, Cabré (1992, p. 76) caracteriza a Terminologia em face da Lexicologia a partir das unidades de base de cada uma das disciplinas:

A lexicologia se ocupa do estudo das palavras; a terminologia, do estudo dos termos. Termo e palavra são unidades, ao mesmo tempo, semelhantes e divergentes. Uma palavra é uma unidade descrita por um conjunto de características linguísticas sistemáticas e dotada da propriedade de <<referir-se a>> um elemento da realidade. Um termo é uma unidade de características linguísticas semelhantes dentro de um domínio de especialidade. Desse ponto de vista, uma palavra que pertença a uma área de especialidade seria um termo. (CABRÉ, 1998/1999, p. 76)

⁶ Para um panorama recente dessa questão, ver Campo (2012).

Rey (1998/1999, p. 122-123) argumenta que a preocupação de Wüster com a Terminologia se baseava “no aspecto primordial da designação de processos e objetos técnicos com objetivos práticos” e pondera que “apesar da natureza limitada, não tem sua importância diminuída”. Kageura (1998/1999, p. 21) situa o problema da teoria tradicional da Terminologia no que se refere à visão restrita e prescritiva do estudo dos termos. Finalmente, para Cabré (1998/1999, p. 8), a Teoria Geral da Terminologia de Wüster não é satisfatória para a descrição dos termos, visto que não contempla os seguintes aspectos:

- (i) a multidisciplinaridade dos termos (denominativa, cognitiva e funcional);
- (ii) as várias facetas de uma unidade terminológica; e
- (iii) a dupla função dos termos como unidades representativas e comunicativas no discurso especializado. (CABRÉ, 1998/1999, p. 8)

Essa afirmação vai de encontro ao ideal de monossemia que Wüster defendia em sua Teoria Geral da Terminologia. Uma forma possível de se conciliar o ideal de monossemia aos fatos concretos da língua é entender, como propõe Barbosa (2007, p. 439), que “toda unidade lexical é plurifuncional, no nível de sistema, e monofuncional, no nível de uma norma ou do falar concreto”. O presente trabalho alinha-se às ideias dessa autora, que considera que, “no nível de sistema, as unidades lexicais são plurifuncionais” (BARBOSA, 2007, p. 435) e podem, de acordo com o universo linguístico no qual estão inseridas, assumir a função de termo.

Assim, com base em um exemplo como (1), apresentado na seção anterior, é possível concluir que um verbo como ‘enterrar’ é plurifuncional no nível do sistema geral da língua⁷, mas monofuncional no nível do falar concreto, ao assumir a função de termo. Particularmente, no que diz respeito ao seu uso especializado no âmbito da linguagem técnica dos esportes, a unidade ‘enterrar’ é monofuncional. Nesse caso, ‘enterrar’ é um termo que designa uma jogada particular do basquetebol, descrita como “meter (a bola) pelo aro da cesta, de cima para baixo, em lugar de encestá-la por arremesso” (HOUAISS, 2009).

A revisão de conceitos no âmbito da Terminologia é um desenvolvimento natural da disciplina, propulsionada pela evolução do pensamento científico e da relação da Terminologia com outras áreas. Nesse sentido, Faulstich (1998) destaca que o desenvolvimento da Terminologia estaria intimamente ligado ao processo de evolução do conhecimento e das ciências, já que este processo implica a criação de novos conceitos:

⁷ Basta tomar alguns usos correntes do verbo ‘enterrar’ na língua comum. Em sentido denotativo: “Os meninos enterraram as moedas”. Em sentido figurado: “Para Joana, a história já estava enterrada”.

O progresso científico e tecnológico, a partir da Revolução Industrial, exigiu conceitos precisos e registros adequados para as palavras que ganhavam novo estatuto, o de *termo*, uma vez que passavam a denominar a *tecno-logia* decorrente da invenção da máquina a vapor, responsável pela industrialização do mundo e no mundo. (FAULSTICH, 1998, p. 13)

Na mesma direção, Correia (1998, p. 59) observa que as línguas apresentam uma multiplicidade de registros distintos com características próprias. A língua comum corresponderia ao subsistema linguístico mais neutro, usado na comunicação informal e no cotidiano dos falantes de uma mesma comunidade linguística. Já as linguagens de especialidade seriam entendidas como “subsistemas linguísticos que compreendem o conjunto de meios linguísticos próprios de um domínio particular do saber (disciplina, ciência, técnica, profissão, etc.)”.

O presente trabalho alinha-se à visão de Cabré (1998/1999, p. 14), segundo a qual os termos não estão isolados do sistema da língua e, portanto, estão completamente integrados ao léxico. A autora reconhece, no que diz respeito às particularidades dos inventários terminológicos em comparação aos dicionários de língua comum, alguns aspectos distintivos entre termos e palavras. Por exemplo, Cabré (1992, p. 77) destaca a frequência dos processos de formação dos termos, que não seria a mesma para os processos de formação das palavras do léxico geral; além do alto rendimento, em terminologia, das construções sintagmáticas fixas. Este trabalho alinha-se, ainda, à concepção de Faulstich (2003, p. 12), conforme a qual a Terminologia é um fato da língua e, por isso, “acomoda elementos variáveis e organiza uma gramática”; e à visão de Sager (1998/1999, p. 45), de que a invenção do que ele chamou de “a classe dos termos” é uma contribuição humana consciente ao desenvolvimento da linguagem.

Uma questão importante no âmbito da Terminologia refere-se à carência da descrição dos verbos no contexto das linguagens de especialidade⁸. A esse respeito, L’Homme (2002, p. 2) observa que⁹:

⁸ Destacam-se, contudo, trabalhos que afirmam o estatuto terminológico dos verbos, como o de Guedes (2001), que investiga a valência de alguns verbos portugueses arcaicos da culinária.

⁹ Tradução nossa do fragmento original: “Traditionally, terminographers have considered terms in noun form. This is best observed in specialized dictionaries and term banks in which most entries are nouns. Although there are a few exceptions to this rule, the theoretical models of terminology still exclusively accommodate the description of nouns, and are not well suited to take other parts of speech into account”.

[t]radicionalmente, terminógrafos têm considerado os termos na forma nominal. Isso é observado em dicionários especializados e bancos de termos nos quais a maior parte das entradas é de nomes. Ainda que existam algumas exceções a essa regra, os modelos teóricos de terminologia ainda acomodam exclusivamente a descrição dos nomes, e não são adequadas para dar conta de outras partes do discurso. (L'HOMME, 2002, p. 2)

A autora discute também a presença de adjetivos nos repertórios terminológicos (e.g., *programmable* ‘programável’, *architectural* ‘arquitetural’, *user-friendly* ‘amigável’, entre outros, do vocabulário da computação). Essa observação suscita a discussão sobre a presença de verbos em repertórios terminológicos, tópico tratado na seção seguinte.

O verbo nos repertórios terminológicos

A divisão das palavras em categorias ou partes do discurso é muito antiga e data de 100 a.C, quando Dionísio reconheceu a distinção entre nomes, que designam entidades abstratas ou concretas, e verbos, que designam ação, atividade, evento ou processo — ver Vendler (1957), Bach (1986), Camara Jr. (1991, p. 77), Baker (2003, p. 1). Na Linguística, muito já se discutiu a respeito das propriedades que definem o pertencimento a determinada categoria. Camara Jr. (1991, p. 77) destaca três critérios para essa classificação:

- (i) o critério semântico: diz respeito ao que determinado vocábulo significa “do ponto de vista do universo biossocial que se incorpora na língua”;
- (ii) o critério formal: baseado em propriedades mórficas (i.e., relativas à forma); e
- (iii) o critério funcional: que concerne ao papel (ou à função) que determinado vocábulo exerce em uma estrutura sentencial. (CAMARA JR., 1991, p. 77)

De forma geral, acredita-se que a categoria dos verbos seja universal. Baker (2003, p. 23) observa que os verbos são amplamente reconhecidos como a “quintessência do predicado” e postula que: “X é um verbo se e somente se X é uma categoria lexical e X possui um especificador”¹⁰. Segundo Baker (2003, p. 25), isso quer dizer, na prática, que os verbos normalmente atribuem um papel temático aos elementos que são seus especificadores (e.g., agente, paciente, experienciador).

Ainda sobre as categorias gramaticais (particularmente, o verbo), em passagem bem anterior a Baker, Ribeiro (1957, p. 209) propõe que “cada elemento grammatical do discurso

¹⁰ O termo ‘especificador’ é da teoria X-barra (ver CHOMSKY, 1970).

recebe um nome especial; este, porem, tem o nome de *verbo*, isto é, palavra (de *verbum*), por ser a palavra por excellencia. O verbo é, pois, a alma e a vida do discurso”. Camara Jr. (1980, p. 151) argumenta que “os nomes e os verbos são deduzidos da mesma realidade objetiva ou do mundo real, conforme ela se apresenta ao nosso espírito sob um aspecto estático ou sob um aspecto dinâmico”. É esse aspecto dinâmico que estabelece uma distinção básica entre verbos e nomes, a de que os verbos são predicativos e os nomes referenciais (ver Baker, 2003, p. 16)¹¹.

Como discutido previamente, embora os inventários terminológicos sejam, de maneira geral, compostos majoritariamente por nomes, os verbos também podem assumir novos contornos semânticos que permitem que sejam inscritos nas linguagens de especialidade. Assim, este trabalho pretende demonstrar que os verbos também podem adquirir o estatuto de termo, como ilustrado previamente nos exemplos (1) e (2).

No que se segue, apresentamos uma amostra de verbos pertencentes a diversas áreas de especialidade, com base em Costa (2008). Os 51 verbos introduzidos adiante concentram-se em 19 áreas de especialidade distintas, registradas no Novo Dicionário Aurélio (2004) de acordo com as seguintes abreviaturas ilustradas na Tabela 1:

Áreas de especialidade

Autom. Automobilismo	Jur. Jurídico
Basq. Basquetebol	Mar. Marinha
Cap. Capoeira	Mar. G. Marinha de Guerra
Carp. Carpintaria	Marinh. Marinharia ¹²
Cineg. Cinegética ¹³	Mat. Matemática
Cir. Cirurgia	Poét. Poético
Econ. Economia	Rel. Religião
Escol. Escolar	Teatr. Teatro
Esport. Esportes	Turfe. Turfe ¹⁴
Jorn. Jornalismo	

Tabela 1. Abreviaturas das áreas de especialidade (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2004)

Esses verbos, extraídos do Novo Dicionário Aurélio (2004), recebem, nessa obra, além das marcas que identificam a área de especialidade a que pertencem, a marca *Bras.*, indicativa de ‘brasileirismo’. Essa marca é suprimida das entradas a seguir, que foram elaboradas com base nas definições originais da referida obra lexicográfica.

¹¹ Ideia presente em Davidson (1967), que desenvolve a noção de que verbos são predicados de evento.

¹² Segundo o Novo Dicionário Aurélio (2004), diz respeito aos “conhecimentos náuticos desenvolvidos e sistematizados pelos navegadores portugueses desde o Infante D. Henrique até fins do séc. XVII”.

¹³ De acordo com o Novo Dicionário Aurélio (2004), é a “arte de caçar com cães”.

¹⁴ Segundo o Novo Dicionário Aurélio (2004), relativo ao “hipismo”.

VOCABULÁRIO DE VERBOS TERMINOLÓGICOS

- afinar**, *Fut.* Acovardar-se (jogador ou time de futebol) em uma disputa.
- afundar**, *Escol.* Ir mal (aluno ou turma de alunos) na escola.
- agregar**, *Mar. G.* Retirar nome de oficial da escala numérica do corpo ou quadro a que pertence.
- assentar**, *Rel.* Fixar entidade espiritual em uma pessoa ou objeto.
- bater**, *Rel.* Celebrar cerimônia religiosa ao som de atabaques.
- beber**, *Autom.* Consumir (o carro) combustível.
- benzer**, *Cap.* Fazer o sinal da cruz (capoeirista) antes de entrar na roda de capoeira.
- bolar**, *Rel.* Incorporar uma entidade espiritual.
- caquear**, *Teatr.* Improvisar as falas em uma peça teatral para obter efeito cômico.
- codizar**, *Mar. G.* Codificar uma mensagem de texto.
- concentrar**, *Esport.* Estar em reunião ou promover a reunião de atletas antes de uma disputa.
- cozinhar**, *Jorn.* Preparar reportagens para publicação em um jornal.
- defender**, *Fut.* Proteger o gol.
- derrubar**, *Turfe.* Divulgar informações falsas entre apostadores.
- desacostar**, *Rel. V.* desincorporar, acepção (1).
- descalar**, *Marinh.* Tirar o leme da embarcação do lugar.
- descer**, *Rel.* Manifestar-se (uma entidade espiritual) em uma pessoa.
- desenvolver**, *Rel.* Criar ou desenvolver faculdades mediúnicas.
- desincorporar**, *Rel. 1.* Abandonar (uma entidade espiritual) o corpo da pessoa que a incorporou; *desacostar. 2.* Experimentar o processo de desincorporar, cf. (1).
- embalsamar**, *Mar. G.* Sentir-se enjoado durante uma viagem marítima.
- encastelar**, *Cineg.* Passar (a perdziz) da direção vertical para a horizontal, voando sem grande esforço. *V. serenar.*
- encruzar**, *Rel.* Fazer o sinal da cruz nas pessoas que participam da sessão de umbanda para facilitar a comunicação com as entidades espirituais.
- enterrar**, *Basq.* Enfiar a bola na cesta com as mãos tocando o aro.
- escantilhar**, *Carp.* Cortar uma peça de madeira de modo que os ângulos não fiquem retos.
- impronunciar**, *Jur.* Determinar ser improcedente a denúncia ou queixa contra um acusado.
- inflacionar**, *Econ.* Aumentar os preços.
- instrumentar**, *Cir.* Auxiliar o cirurgião, provendo a ele o material ou instrumento a ser usado em procedimento cirúrgico.
- investir**, *Mar.* Dirigir-se (a embarcação) a.
- lenhar**, *Autom.* Inutilizar um automóvel ou parte dele
- manutenir**, *Jur.* Conceder mandado de manutenção a.
- matar**, *Fut.* Amortecer o impacto da bola.
- maximizar**, *Mat.* Elevar uma função ao seu valor máximo.
- morrer**, *Autom.* Parar de funcionar (o motor) de um carro.
- passar**, *Esport. Fut.* Lançar a bola a um companheiro de equipe.
- pegar**, *Mar. G.* Ir mal (um empreendimento).
- podar**, *Autom.* Um carro ultrapassar outro de forma brusca.
- pontear**, *Turfe.* Manter-se em primeiro lugar em uma competição.
- possessar**, *Jur.* Ocupar uma extensão de terra.
- pular**, *Cap.* Jogar capoeira.
- queimar**, *Esport.* Ultrapassar as delimitações impostas em uma competição esportiva.
- rabear**, *Autom.* Derrapar (o automóvel) pelas rodas traseiras.
- rasgar**, *Mús.* Tocar o rasgado.
- rebarbar**, *Mar. G.* Reivindicar direitos.
- receber**, *Rel. V.* bolar.

reduzir, *Autom.* Reduzir a tração da marcha do carro.

remar, *Turfe.* Conduzir o cavalo de corridas fazendo com os braços movimentos que lembram remadas.

rodar, *Cin.* Filmar.

serenar, *Cineg.* V. encastelar.

tabelar, *Fut.* Fazer uma jogada entre dois (ou mais) jogadores na qual a bola passa de um para o outro.

tesar, *Mar. G.* Exigir de (um subordinado), com rigor, o cumprimento das suas obrigações.

turturinar, *Poét.* Cantar.

Tabela 2. Verbos pertencentes a áreas de especialidade (COSTA, 2008)

Os verbos na Tabela 2 pertencem tanto a um vocabulário formal, circunscrito a uma área específica, como a Jurídica (e.g., ‘impronunciar’), quanto a um vocabulário menos formal, como da área da Economia, usado correntemente na língua comum (e.g., ‘inflacionar’). Adicionalmente, há ainda verbos especializados com estatuto de gíria, como é o caso de ‘afundar’, em seu uso no âmbito escolar. Portanto, essa amostra de verbos abarca tanto as terminologias científicas e técnicas quanto as terminologias e nomenclaturas populares, como exposto na seção 1, com base em Coseriu (1977).

Um aspecto interessante que os dados mostram é que a maioria dos verbos ilustrados na Tabela 2 assume a função de termo no interior de determinada área de especialidade. Um exemplo é o verbo ‘cozinhar’, pertencente à língua comum, que no Jornalismo quer dizer “preparar reportagens para publicação em um jornal”. No entanto, dos 51 verbos, 10 podem ser considerados estritamente terminológicos, como mostrado a seguir em (3):

- (3)
- a. Bolar (religião)
 - b. Codizar (marinha de guerra)
 - c. Escantilhar (carpintaria)
 - d. Impronunciar (jurídica)
 - e. Possear (jurídica)
 - f. Tesar (marinha de guerra)
 - g. Turturinar (poética)
 - h. Caquear (teatro)
 - i. Descalar (marinha)
 - j. Inflacionar (economia)

Esses verbos são internamente complexos e podem ter sua estrutura interna explicitada. Por exemplo, (3h), (3i) e (3j) são formados com base em um termo nominal ou verbal do domínio a que pertencem, como ilustrado a seguir:

- (4) a. **caquear**: *caco* + sufixo verbalizador, em que ‘caco’ é uma gíria do teatro: “[p]alavra ou frase que o ator, geralmente de improviso, introduz em

qualquer de suas falas, para substituir outra do texto original e/ou produzir efeito cômico” (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2004).

b. **descalar:** prefixo negativo ou de inversão + *calar*, em que ‘calar’ é um termo da marinha: “[c]olocar (o leme) no seu lugar” (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2004).

c. **inflacionar:** *infla(ção)* + sufixo verbalizador, em que ‘inflação’ é um termo da Economia (NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO, 2004).

Assim, os dados atestam o caráter plurifuncional das unidades lexicais, seguindo a observação de Barbosa (2007), discutida na seção 2, mas também a questão da produtividade e da motivação para a criação de termos, que obedecem às regras e aos princípios da língua.

Conclusão

Este artigo teve como objetivo geral investigar as particularidades que distinguem ‘termo’ e ‘palavra’. Argumentou-se em favor da visão de que os termos não estão isolados do sistema da língua e, portanto, estão completamente integrados ao léxico de uma língua (CABRÉ, 1998/1999). Destacou-se o caráter plurifuncional das unidades lexicais, que podem adquirir novos significados tanto no âmbito da língua comum como no âmbito das linguagens de especialidade. Nesse sentido, este artigo corrobora as ideias de Barbosa (2007, p. 439), de que uma unidade lexical “está em função ‘termo’ ou em função ‘vocábulo’”.

Particularmente, este artigo teve como objetivo abordar a categoria do verbo no âmbito da Terminologia, a partir da observação de que as discussões permanecem primordialmente centradas na categoria nominal (L’HOMME, 2002). Dessa forma, uma contribuição importante do trabalho constitui a amostra de 51 verbos pertencentes a diferentes áreas de especialidade, atestada no português brasileiro.

Bréal (1992 [1897], p. 125) observa que:

[q]uanto mais a palavra se distancia de suas origens, mais está a serviço do pensamento: segundo as experiências, que fazemos, ela se restringe ou estende, se especifica ou se generaliza. Acompanha o objeto ao qual serve de etiqueta através dos acontecimentos da história, subindo em dignidade ou descendo na opinião, e passando algumas vezes ao oposto da acepção inicial. Quanto mais apta a esses diferentes papéis, mais se tornou completamente signo. (BRÉAL, 1992 [1897], p. 125)

Finalmente, reitera-se a ideia de que as operações de multiplicação dos sentidos não são distintas para as terminologias e para as unidades usuais da língua.

Referências

BACH, E. *The algebra of events*. Linguistics and Philosophy, D. Reidel Publishing Company, n. 9, p. 5-16, 1986.

BARBOSA, M. A. Etno-Terminologia e Terminologia Aplicada: Objeto de estudo, campo de atuação. In ISQUERDO, A. N.; ALVER, I. M. (Orgs.). *As ciências do léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, volume III. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2007.

BAKER, M. C. *Lexical Categories: Verbs, Nouns, and Adjectives*. United Kingdom: Cambridge University Press, 2003.

BRÉAL, M. *Ensaio de Semântica*. São Paulo: Pontes, 1992[1897].

CABRÉ, M. T. Do we need an autonomous theory of terms? *Terminology: International journal of theoretical and applied issues in specialized communication*, v. 5, n. 1, p. 5-19. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998/1999.

CABRÉ, M. T. *La terminologia*. La teoria, els mètodes, les aplicacions. Barcelona: Editorial Empúries, 1992.

CAMARA JR, J. M. *Dispersos de J. Mattoso Camara Jr*. Coleção Estante da Língua Portuguesa. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1975.

CAMARA JR., J. M. *Princípios de Linguística Geral: como introdução aos estudos superiores da Língua Portuguesa*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Padrão Livraria Editora, 1980.

CAMARA JR, J. M. *Estrutura da língua portuguesa*. 20ª. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1991.

CAMPO, A. *The reception of Eugen Wüster's work and the development of Terminology*. 2012. 378f. Tese (Doutorado em Tradução) — Departamento de Linguística e de Tradução, Universidade de Montreal, Canadá, 2012.

CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In JACOBS, R.; ROSENBAUM, P. (Eds.) *Readings in English Transformational Grammar*. MA: Ginn and Company, 1970, p. 184-221.

CORREIA, M. *Neologia e terminologia*. Terminologia: questões teóricas, métodos e projectos. n. 4, p. 59-74. Lisboa: Publicações Europa-América, 1998. Disponível em: <http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/1998-mcorreia-neologia_terminologia.pdf>. Acesso 26 mar.2016.

COSERIU, E. *Princípios de Semântica Estructural*. Biblioteca Románica Hispánica. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

COSTA, B. E. *Brasileirismos terminológicos: estado de verbos em ação e processo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Linguística). Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

COSTA, B. E. A categoria do verbo em Terminologia. *Anais do 7º Encontro de Letras da UCB*. UCB: Brasília, 2009. p. 60-86.

DAVIDSON, D. The logical form of action sentences. In RESCHER, N. (Ed.). *The logic of decision and action*. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1967, p. 81-95.

FAULSTICH, E. *A Terminologia na Universidade de Brasília*. Terminômetro Número Especial: Terminologia no Brasil, 1998.

FAULSTICH, E. Formação de termos: do constructo e das regras às evidências empíricas. In FAULSTICH, E.; ABREU, S. P. D. (Orgs.). *Linguística Aplicada à Terminologia e à Lexicologia*. Porto Alegre: UFRGS, Instituto de Letras, 2003.

GUEDES, I. G. *Estudo da valência de alguns verbos da culinária arcaica*. 2001. Dissertação (Mestrado em Linguística) — Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas, Universidade de Brasília, Brasília, 2001.

HOUAISS, A. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Versão Monusuário 3.0. Junho de 2009. Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

KAGEURA, K. Theories 'of' terminology: A quest for a framework for the study of term formation. *Terminology: International journal of theoretical and applied issues in specialized communication*, v. 5, n. 1, p. 21-40. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998/1999.

L'HOMME, M. C. *What can Verbs and Adjectives tell us about Terms?* Canadá, 2002. Disponível em: <<http://olst.ling.umontreal.ca/pdf/tke2002.pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2016.

NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO DA LÍNGUA PORTUGUESA. Século XXI. 3ª. ed. Versão Eletrônica. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

POTTIER, B. *A definição semântica nos dicionários*. A Semântica na Linguística Moderna: O Léxico; seleção, introdução e revisão técnica de Lúcia Maria Pinheiro Lobato. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A., 1977.

REY, A. Terminology between the experience of reality and the command of signs. In *Terminology: International journal of theoretical and applied issues in specialized communication*, v. 5, n. 1, p. 121-134. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998/1999.

RIBEIRO, E. C. *Estudos Gramaticais e Filológicos – Ligeiras Observações: origem e filiação da língua portuguesa, da crase em português, elementos de gramática portuguesa, gramática portuguesa filosófica*. Obras completas, v. 3. Salvador: Editora Aguiar & Souza LTDA, 1957.

SAGER, J. C. In search of a foundation: Towards a theory of the term. *In Terminology: International journal of theoretical and applied issues in specialized communication*, v. 5, n. 1, p. 41-57. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1998/1999.

SAGER, J. C. Term Formation. *In* WRIGHT, S. E.; BUDIN, G. (Orgs.). *Handbook of Terminology Management*, v. 1. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.

ULLMANN, S. *Semântica: Uma introdução à ciência do significado*. 4ª. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VENDLER, Z. Verbs and times. *The Philosophical Review*, v. 66, n. 2, p. 143-160, 1957. Disponível em: <<http://www.uni-stuttgart.de/lingrom/martin/pdf/cours-vendler.pdf>>. Acesso em: 26 mar.2016.

WÜSTER, E. (1974) La teoria general de la Terminologia: una zona fronterera entre la Llingüística, la Lògica, l'Ontologia, la Informàtica i les ciències especialitzades. *In* CABRÉ, M. T. (Org.). *Terminologia*. Selecció de textos d'E. Wüster. Servei de Llengua Catalana, Universitat de Barcelona: Barcelona, 1996. p. 153-204.

VERBS IN TERMINOLOGICAL REPERTOIRES: EVIDENCE FROM BRAZILIAN PORTUGUESE

ABSTRACT:

The present paper aims at investigating the characteristics that distinguish 'terms' and 'words' in the light of classic scholars who discussed the differences between common language and specialized languages (BRÉAL, 1897; ULLMANN, 1962; WÜSTER, 1974; COSERIU, 1977; POTTIER, 1977). This paper also addresses the category of verb in Terminology, with the theoretical support of authors like Cabré (1992, 1998-1999), Faulstich (1998) and Barbosa (2007). Based on the observation that the literature is mainly focused on nouns, this paper provides empirical data from Brazilian Portuguese (COSTA, 2008) attesting the presence of verbs in terminological repertoires.

Keywords: Terminology. Word. Term. Verb.

Envio: janeiro/2017

Aceito para publicação: janeiro/2017